

AS RELAÇÕES ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE A PARTIR DA EXTENSÃO OU POR QUE NÃO É SUFICIENTE IR ÀS PRAÇAS MOSTRAR O QUE A UNIVERSIDADE FAZ

Lais S. Fraga¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Em tempos de crise de legitimidade e orçamentária, muitos têm ido às praças explicar às pessoas comuns o que a universidade faz. Este texto propõe uma reflexão sobre as relações entre universidade e sociedade a partir da extensão universitária. Para tal apresenta reflexões sobre a universidade a partir do incômodo no qual estamos envolvidos. Se também temos críticas à universidade, que caminhos podemos trilhar para que possamos defendê-la e, ao mesmo, tempo reinventá-la? Como se aliar aos que estão fora da universidade sem considerá-los como aqueles que precisam ser esclarecidos sobre as benesses da ciência e da universidade? Como inspiração para a reflexão proposta, apresentamos o livro *O ideal de universidade* de Robert Paul Wolff e algumas experiências extensionistas. Tendo como pano de fundo diferentes visões de universidade, argumenta-se que se almejamos uma sociedade democrática, precisamos buscar caminhos de desenvolvimento da ciência e da tecnologia e, portanto, da universidade, coerentes com essa perspectiva.

Palavra-chave: Extensão universitária. Universidade.

Abstract:

In times of legitimacy and budget crisis, many have gone to the squares to explain to ordinary people what the university does. This text proposes a reflection on the relations between university and society from the university extension. To this end, it presents reflections on the university from the discomfort in which we are involved. If we also have criticisms of the university, what paths can we follow so that we can defend it and, at the same time, reinvent it? How can we ally ourselves with those outside the university without considering them as those who need to be enlightened about the benefits of science and the university? As an inspiration for the proposed reflection, we present the book "The Ideal of the University" from Robert Paul Wolff along with some extensionist experiences. Against the background of different views of the university, it is argued that if we want a democratic society, we need to look for ways of developing science and technology, and therefore the university, consistent with this perspective.

Keywords: University extension. University.

Introdução

Diante do convite para contribuir com a mesa “A universidade povoada por afetos” no 6º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (Edicc), a primeira coisa que me veio à mente foi a crise que envolve a universidade no atual contexto do país. Não temos mais como pressuposto a legitimidade a nosso favor. Precisamos justificar os gastos públicos com ciência e tecnologia, a utilidade da universidade e, afinal, a pergunta que sempre volta, para que serve a ciência? Diante desses questionamentos, dos cortes no orçamento e do risco que corre a autonomia universitária, parcelas da população têm se mobilizado em atos, passeatas, manifestações em defesa da educação, da autonomia universitária e da universidade pública, gratuita e de qualidade.

¹ Professora da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp. Atua na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UNICAMP) desde 2004 e atualmente é coordenadora. É docente dos programas de pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA) e em Divulgação Científica e Cultural (MDCC).

Nessas manifestações não foram poucas as ações do tipo ‘ir às praças mostrar o que a universidade faz’ com estudantes com cartazes, aulas públicas, praças transformadas em sala de aula. Embora essas ações produzam bonitas imagens, praças vivas, estudantes entusiasmados, elas nos parecem pouco eficazes diante do acúmulo de reflexão e ação que temos sobre a relação universidade e sociedade.

Tendo essas ideias como ponto de partida, este ensaio apresenta reflexões sobre a universidade a partir do incômodo no qual estamos envolvidos. Se também temos críticas à universidade, que caminhos podemos trilhar para que possamos defendê-la e, ao mesmo, tempo reinventá-la? Como se aliar aos que estão fora da universidade sem considerá-los como aqueles que precisam ser esclarecidos sobre as benesses da ciência e da universidade? É a partir dessas questões que estruturei minha apresentação no evento e este ensaio.

Há muitas maneiras de responder essa questão. O caminho escolhido parte das reflexões e experiências sobre extensão universitária. Nesse sentido, assume a primeira pessoa e apresenta contribuições vividas e refletidas sobre a universidade e, especificamente, sobre as possibilidades da extensão em tempos de crise ou, talvez seria mais adequado dizer, em tempos de barbárie.

No senso comum, a universidade pode ser compreendida como uma torre de marfim, isolada da sociedade. Esta é uma percepção que tem se agudizado no momento que estamos vivendo, mas não se mostra adequada quando exploramos as múltiplas formas pelas quais a universidade se relaciona com a sociedade através do ensino, da pesquisa e da extensão.

Durante o doutorado, visitando a biblioteca do professor Maurício Tragtenberg² conheci o livro de Robert Paul Wolff *O ideal de universidade* com o qual dialogo neste ensaio. O livro é citado de maneira recorrente na literatura sobre extensão universitária no país e pode contribuir com a reflexão que proponho. Segundo o autor, as universidades foram criadas por todos os tipos de motivos: “para preservar uma velha fé, para granjear prosélitos para uma nova fé, para treinar trabalhadores habilitados, para melhorar o padrão de profissões, para expandir as fronteiras do conhecimento e mesmo para educar os jovens” (WOLFF, 1993, p. 25). De qualquer maneira a universidade, ao se ocupar de formar pessoas e produzir conhecimento, se conecta com a sociedade de maneira complexa, principalmente, através do ensino e da pesquisa.

A maneira como compreendemos a ciência e a tecnologia, com que priorizamos áreas do conhecimento e com que pensamos os currículos explícito e oculto – que inclui normas e valores – moldam o ensino. Se priorizamos a empresa, temos uma formação mais mercadológica, se priorizamos o setor público, a lógica precisa ser outra. Parece óbvio dizer que diferentes

² Maurício Tragtenberg foi professor da Faculdade de Educação da Unicamp entre 1970 e 1997 e é lá que está sua biblioteca pessoal.

racionalidades conformam diferentes formas de ensinar e aprender. Portanto seria equivocado, de partida, dizer que a universidade não se relaciona com o que está fora dela.

Através da pesquisa também temos diferentes formas de compreender a ciência e a tecnologia, a universidade e a produção do conhecimento. De maneira geral temos uma visão ofertista sobre o conhecimento que organiza nossa maneira de fazer pesquisa. Uma visão intrinsecamente positiva da ciência e da tecnologia, expressa no relatório *Ciência: a fronteira sem fim* (BUSH, 1945) e já tão criticada (SAREWITZ, 2010), nos faz produzir conhecimento e depois oferecer, ou nos termos atuais, transferir para a sociedade. E é essa visão que reforçamos quando vamos às praças explicar às pessoas comuns o que fazemos na universidade. Tendo como pano de fundo diferentes visões da universidade, argumento que se almejamos uma sociedade democrática, precisamos buscar caminhos de desenvolvimento da ciência e da tecnologia e, portanto, da universidade, coerentes com essa perspectiva.

Sugiro que enquanto estivermos nas praças, com intuito de mostrar o que fazemos, nossas pesquisas e nossas infindáveis atividades no cotidiano universitário, façamos um exercício de reflexão. Sugiro que olhemos para a história da extensão no país, seus erros e acertos, mas sobretudo para a capacidade que muitos(as) antes de nós tiveram de reinventar com liberdade os inéditos viáveis, a utopia engajada no presente, as possibilidades da conexão entre universidade e sociedade.

Muitas dessas experiências apontam para a aproximação com as classes populares não como pessoas que precisam ser esclarecidas, mas como aliados na busca não só por uma universidade mais democrática, mas por uma sociedade mais justa e igualitária.

1. As visões de universidade

A universidade está em crise, e esta não é a primeira vez que passamos por isso. Nos anos 1990, por exemplo, com o avanço do neoliberalismo a universidade passou também por uma crise financeira e de legitimidade. Boaventura de Sousa Santos (2004) apontou, nessa época, que a crise tem diversas facetas e pode ser caracterizada como uma crise de hegemonia a partir de um conflito entre uma alta cultura e um conhecimento instrumental; uma crise de legitimidade gerada pela histórica elitização e pelas aspirações de democratização; uma crise institucional que coloca em choque a autonomia universitária com pressões por produtividade de natureza empresarial ou de responsabilidade social; e uma crise financeira.

Se olharmos para a universidade como uma instituição social e que, como tal, exprime a sociedade (conflituosa) como um todo (CHAUÍ, 2003), nessa perspectiva, as crises precisam ser compreendidas a partir da sua inserção na sociedade. Somado a isso, especificamente na América

Latina, essas crises são marcadas por longos e permanentes conflitos entre a universidade e governos autoritários.

De qualquer maneira, as crises, da sociedade e da universidade, ao mesmo tempo em que foram momentos profundamente conturbados, fornecem oportunidades para o florescer da criatividade e para uma reinvenção da universidade. As saídas imaginadas diante delas podem ser do tipo modernizante/conservadora ou criativas/transformadoras, e para refletir sobre os caminhos possíveis hoje é necessário refletir sobre as diferentes visões sobre a universidade que estão em jogo.

Sem o intuito de fazer uma revisão exaustiva sobre o tema, apresento a contribuição de Robert Paul Wolff, um filósofo e professor universitário preocupado com que posição tomar diante da ocupação e greve na universidade que lecionava durante 1968 nos EUA. Ele escreve seu livro *O ideal de universidade* tentando solucionar suas dúvidas e agradece aos alunos por o terem influenciado e qualificado sua visão sobre a universidade.

O autor desenvolve quatro ideais de universidades, a saber: a universidade como santuário do saber; a universidade como campo de treinamento para as profissões liberais; a universidade como agência de prestação de serviço e a universidade como linha de montagem para o homem do sistema.

No primeiro ideal, o autor apresenta a clássica visão da universidade como torre de marfim, como santuário do saber. Visão oriunda da atividade de erudição, do estudo de textos religiosos, tem na universidade a devoção muito mais ao mundo textual do que ao mundo sobre o qual o texto fala. Nessa perspectiva a universidade tem como missão guardar o saber historicamente produzido pela humanidade e transferi-lo, num processo hoje chamado de Educação Geral, para alguns poucos alunos. A vida dos intelectuais se mantém afastada das questões imediatas da ordem social. Como crítica, o autor coloca que a erudição é importante, mas não pode ser central no ideal de universidade.

No segundo ideal, da universidade como campo de treinamento para as profissões liberais (como medicina, direito), parte-se do pressuposto que um profissional experiente pode ensinar a atividade a outros e julgar se o aluno a dominou. As profissões liberais são categorias ocupacionais socialmente definidas, organizadas como grupos autorreguláveis e autocredenciáveis e que submetem seu trabalho a seus pares. Do ponto de vista dos profissionais liberais, uma faculdade (*college*) tem três funções: separar os alunos entre aceitáveis e não aceitáveis nos programas profissionais; classificar os aceitáveis; e preparar para o treinamento profissional. Assim, o aluno “deve escolher não só uma carreira [...], mas também um estilo de vida, um conjunto de valores

que pode servir como sua auto imagem ideal, em direção ao qual ela pode crescer através do empenho de suas energias emocionais” (WOLFF, 1993, p. 42)

Numa terceira visão, a universidade é vista como uma agência de prestação de serviço, ou multiversidade. Segundo Wolff (1993) no âmago desse ideal está uma ou várias faculdades que se estendem em todas direções (hospital, instituto de pesquisa, escolas etc.). A universidade se funde com suas cercanias e é um elemento altamente produtivo da economia, por seu treinamento de pessoal habilitado, desenvolvimento de novas tecnologias e produção de rara e desejada perícia nos docentes. Por isso, é uma agência de prestação de serviço que atende variadas exigências e que devolve à sociedade os impostos pagos através de inovação tecnológica, consultoria especializada, treinamento profissional e cooperação em empreendimentos socialmente úteis. O autor critica essa visão, não a partir de um esnobismo intelectual vindo das humanidades, mas por uma artilosa noção de necessidade social. O problema com ela seria “sua completa incapacidade de estabelecer uma distinção clara entre os conceitos de demanda efetiva ou de mercado e necessidade humana ou social” (WOLFF, 1993, p. 64).

Por fim, a última visão, a universidade como linha de montagem para o homem do sistema, é um antitemodelo, uma crítica do movimento estudantil nos EUA de maio de 1968 na qual o ponto de partida é um sentimento, um fato subjetivo e não um axioma: o descontentamento com a educação que lhes é oferecida. O autor constata que os alunos rebeldes “são os melhores estudantes, não os piores. E isso só pode apontar para problemas na própria universidade” (WOLFF, 1993, p. 76). Esses estudantes afirmam que a universidade parece desinteressante e inútil e que não atendem nem suas necessidades nem as do mundo. Ainda assim, os estudantes não a abandonam e fundam até sua própria Universidade Livre.

Em uma comparação da universidade com a empresa, nesse modelo (ou antitemodelo), o produto da universidade é o homem do sistema que é um trabalhador altamente produtivo, mas muito caro para ser produzido. A universidade passa a ser um espaço para imposição de valores sociais através de financiamento e de ingerências na alta administração das universidades. “A instituição acadêmica se defende dessas acusações insistindo que não toma posição (...) ela se mantém neutra em relação a valores” (WOLFF, 1993, p. 81).

Esses modelos compõem o exercício de reflexão que sugerimos no início deste ensaio. Para pensar o que fazer diante da atual crise da universidade, seria prudente aprofundar o que entendemos ser o seu papel. A apresentação dos ideais de universidade tem o intuito não de descrever a universidade atual, mas de alimentar o debate aqui proposto. De cada um deles, continuando com o exercício de reflexão, podemos imaginar que decorre uma relação entre universidade e sociedade.

Diante do primeiro modelo, podemos imaginar que essa relação é pouco importante, e consiste em esclarecer aqueles que não têm acesso ao conhecimento historicamente acumulado pela humanidade e guardado pelas universidades. No segundo, a relação se dá a partir das associações profissionais e com o mercado. Ambos teriam o papel de moldar e avaliar a formação de profissionais. Na terceira perspectiva, a relação é intensa, mas como aponta Wolff (1993), foca naqueles grupos sociais que têm poder de compra, que podem tornar evidente suas demandas, deixando de lado aqueles destituídos de poder econômico que não podem expressar, nessa relação, suas necessidades das quais poderiam se ocupar a universidade.

Na última perspectiva, a dos estudantes, e talvez a mais pessimista, a relação entre universidade e sociedade teria poucas possibilidades, uma vez que estaria determinada por essa relação de imposição de valores. A relação com a sociedade seria uma continuidade dessa dominação e, portanto, pouco transformadora. Wolff (1993) declara não estar de acordo com nenhuma das quatro visões, e sobre a visão dos estudantes afirma acreditar que a universidade é libertadora para a maioria dos estudantes por causa do que ela é e não apesar do que ela é.

2. Extensão como construção de alternativas

Os modelos que apresentamos na seção anterior possibilitam um primeiro momento de reflexão com intuito de propor que o(a) leitor(a) pense sobre sua própria visão de universidade. O segundo momento que propomos tem como objetivo trazer à tona algumas experiências vividas pelas universidades brasileiras para que possamos inventar saídas para a crise, não apenas a partir de uma visão idealizada de universidade, mas também de práticas extensionistas já desenvolvidas ao longo de sua história.

Talvez a experiência mais emblemática para a conformação da universidade latino-americana com sua insistente missão social é o movimento reformista de Córdoba³, na Argentina. O movimento, que em 2018 fez 100 anos, pode ser considerado um ponto de inflexão e ainda inspira a aproximação da universidade não com a sociedade como um todo homogêneo, mas especificamente com as classes populares. O movimento, que começa com intuito de renovar a universidade considerada monárquica e monástica (BARROS *et al*, 2008), se torna um movimento massivo, enchendo as ruas de estudantes e de trabalhadores(as) em apoio ao movimento estudantil. De Córdoba, o movimento atinge toda Argentina e, em ondas, toda a América Latina. No Brasil, seus ecos chegam por volta da década de 1930. Ainda hoje, inspira uma transformação da universidade com apoio massivo da população para sua autonomia e reinvenção. É desse evento

³ Para saber mais sobre ver Portantiero (1978) e Freitas Neto (2011).

da história das universidades latino-americanas talvez o exemplo mais contundente sobre uma ação que diverge da estratégia ‘explicar ao povo o que a universidade faz’. O ‘povo’, neste caso, estava ombro a ombro com os estudantes, como parceria e não como massa a ser esclarecida.

No Brasil temos também diversas experiências⁴ importantes nesse sentido que se evidenciam na ideia de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão presente na Constituição Federal de 1988. Segundo o artigo 207, “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). Frequentemente este artigo é invocado para abordar o tema da autonomia universitária, mas está aí também o princípio da indissociabilidade e a ideia de que a extensão é uma das ações da universidade. A presença da extensão como parte indelével da universidade é resultado da resistência insistente de estudantes, docentes e funcionários que ao longo da história da universidade brasileira teimaram em criar alternativas e viver experiências coerentes com suas utopias.

Na década de 1960, foram muitas experiências, principalmente estudantis, de grande engajamento e variedade de ações. São dessa época as reflexões de Paulo Freire e especialmente seu livro “Extensão ou Comunicação” (1983) que, a partir da reflexão sobre a extensão rural, nos aponta um caminho alternativo de estender, oferecer, transferir conhecimento para a sociedade e propõe, a partir de uma postura dialógica, a construção de conhecimento e de alternativas com as classes populares

No período da redemocratização do país, com a volta de estudantes e docentes exilados, a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (Forproex) coloca a atuação docente no centro da ação extensionista. Vem do Forproex a definição de extensão até hoje adotada pela maioria das universidades do país e diversos materiais que registram o acúmulo teórico metodológicos extensionista⁵. A Política Nacional de Extensão afirma que “A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012).

Diante dessas experiências e do acúmulo teórico e metodológico da extensão, nos perguntamos como a extensão pode contribuir com uma aproximação não autoritária entre universidade e sociedade. Se não vamos às praças esclarecer a população, o que podemos fazer para aproximar universidade e sociedade?

⁴ Para saber mais, ver Fraga (2012).

⁵ Nos referimos especificamente à Coleção Extensão Universitária.

Em primeiro lugar, levar a cabo a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nos pouparia de ter que explicar à população o que fazemos. Em conexão com a pesquisa, a extensão pode fazer emergir perguntas e problemas e nos ajudar a priorizar novos campos e temas de pesquisa. O trabalho cotidiano com as classes populares possibilita tornar evidentes necessidades (e não apenas demandas) da sociedade e contribui a pensar em como lidar com elas a partir da formação de pessoas e da produção de conhecimento.

Em conexão com o ensino, a extensão pode contribuir para evidenciar falhas nos cursos de graduação e pós-graduação, pontos cegos e também novas possibilidades de temas e conteúdos a serem abordados. O eixo pedagógico clássico “estudante - professor” poderia ser substituído pelo eixo “estudante - professor – comunidade” (FORPROEX, 2012).

A extensão possibilita também uma compreensão mais profunda do conhecimento. A extensão nos ensina, mesmo que na marra, que o conhecimento é algo vivo, que se transforma e se recria nos processos de ensino/aprendizado e que, portanto, não há muito sentido em se falar em transferência de conhecimento. A extensão também pode abrir as portas para aqueles(as) que não estão na universidade, considerando-os como sujeitos da produção do conhecimento. Com essa abertura, a universidade se aproxima de problemas contemporâneos que exigem a complexidade, a interdisciplinaridade e o diálogo de saberes. Atribuindo às Universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural (SANTOS, 2004), a extensão traz a possibilidade de nos aproximarmos da criatividade, em oposição aquilo que já é pré-determinado. Por isso, no compromisso com as classes populares está uma das possibilidades de reinventar a universidade numa perspectiva criativa/transformadora.

Algumas possibilidades para o futuro – considerações finais

As reflexões apontadas na seção anterior podem parecer otimistas e até ingênuas. A maioria dos textos sobre extensão partem de uma crítica feroz ao que ela se tornou. Para manter a esperança na extensão, é preciso compreendê-la como um espaço de resistência e construção de alternativas. Ainda assim, com todos esforços da extensão, parece que não temos hoje capacidade de modificar estruturalmente a universidade. O processo de curricularização da extensão em andamento no país parece colidir agora com um alargamento obscuro do conceito de extensão, com o empreendedorismo social como hegemonia para a extensão e com o processo de mercantilização da universidade através da extensão, como meio de arrecadar recursos para a universidade. Ainda assim, a extensão tem mantido ilhas de autogestão e criatividade, ou espaços de experimentação da esperança nas universidades. Nelas, a extensão tem insistido em estratégias

metodológicas divergentes das convencionais (participativas, colaborativas, autogeridas, coletivas) que modificam o que é o ensino, o que é a pesquisa e o conhecimento produzido.

O intuito deste ensaio é dialogar com os estudantes, que têm sido deixados de lado sistematicamente nos debates sobre extensão. O movimento reformista de Córdoba nos ensina que os estudantes são capazes de questionar (e de propor alternativas) às estruturas mais sólidas das universidades e da sociedade. Em Córdoba, inicialmente, os estudantes confiaram em seus professores para a mudança almejada, confiaram suas esperanças em uma eleição para reitor e conselheiros universitários para que então as mudanças mais profundas pudessem ser feitas. Os professores sucumbiram, não elegeram o candidato dos estudantes e foi então que eles anunciaram que as mudanças profundas, suas utopias de universidade dependiam necessariamente do poder de decisão que teriam no processo. Voltaram para as ruas, escreveram outros manifestos, debateram, marcharam. Foi assim que a Universidade de Córdoba se refundou. Foi assim que os alunos ensinaram para a América Latina como dar voos mais altos.

Nesse momento de crise, pensando no que Robert Paul Wolff falou sobre os estudantes,

deve-se aceitar que o período de transição é indisciplinado, desajeitado, marcado com falsos começos, mudanças de direção e mudanças dramáticas de clima emocional. Para um adulto maduro, um jovem estudante, no auge de uma crise de identidade, é, no mínimo, um embaraço, e, na pior das hipóteses, um lembrete ameaçador de compromissos e das insatisfações que subjazem a sua própria vida (WOLFF, 1993, p. 44-45).

Por aqui seguimos de olho na extensão criada e vivida pelos estudantes, com intuito de encontrar caminhos para enfrentar mais uma das crises da universidade. Com esperança para que estes não se contentem em ir às praças ilustrar as massas.

Referências bibliográficas

BARROS, Enrique *et al.* La juventud argentina de Córdoba a los hombres libres de Sudamérica (Manifiesto del 21 de junio de 1918. In: SADER, Emir; ABOITES, Hugo; GENTILI, Pablo. La reforma universitaria. *Desafíos y perspectivas noventa años después*. Buenos Aires, CLACSO, 2008.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 05 de outubro de 1988. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BUSH, Vannevar. Ciência, a Fronteira sem Fim. *Um relatório para o Presidente por Vannevar Bush*, 1945. Disponível em: < <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/ciencia-a-fronteira-sem-fim-o-documento-que-ajudou-a-moldar-a-pesquisa-na-segunda-metade-do-seculo-xx>> Acesso em: 25 mai. 2020.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. *Revista brasileira de educação*, v. 24, n. 1, p. 5-15, 2003.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: Imprensa Universitária (UFSC), 2012.

FRAGA, Lais S. *Extensão e transferência de conhecimento: as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares*. 2012. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286682>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS NETO, José Alves de. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. *Revista Ensino Superior Unicamp*, v. 3, p. 62-73, 2011.

PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina (1918-1938): el proceso de la reforma universitária*. México-DF: Siglo Veintiuno Coleção Editores, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

SAREWITZ, Daniel. *Frontiers of illusion: Science, technology, and the politics of progress*. Philadelphia: Temple University Press, 2010.

WOLFF, Robert Paul. *O ideal da universidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.